

Dez regressos na criação literária de Nuno Costa Santos: uma outra visão.

Autor(a): Claudia Keenan Gelb | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Língua e Literatura

Subtema:

Referência geográfica do conteúdo: Lisboa, Portugal

Data de publicação: 30/11/2008

Línguas disponíveis: Português

Clique nas imagens para ampliar



Nuno Costa Santos. [Foto de Joana Baptista]. Abaixo, livros do escritor.

RESUMO

Este artigo visa defender a ideia de que a obra *Dez regressos*, de Nuno Costa Santos, é um romance e não um livro de contos como aparenta ser à primeira vista. *Dez regressos* é de um gênero híbrido, em que as fronteiras são muito tênues, o que é cada vez mais recorrente na literatura produzida nos dias de hoje. E também porque, como no romance, não é o desfecho que interessa, e sim todo o percurso dos acontecimentos, deixam-se em aberto as diversas possibilidades de leitura que essa obra provoca.

CONTEÚDO

Este artigo visa defender a ideia de que a obra *Dez regressos* (1), de Nuno Costa Santos*, é um romance e não um livro de contos como aparenta ser à primeira vista. Para tanto, vale lembrar que segundo Vítor Manuel de Aguiar e Silva (2) (1976), esse gênero remete a um mundo concebido como real (a verossimilhança), e é situado num espaço e tempo determinados, os quais são representados através de um narrador. Além disso, nesse tempo e espaço são reproduzidas as relações que as personagens mantêm entre si, numa sequência de acontecimentos que são dispostos segundo técnicas narrativas as mais variadas, dependendo da intencionalidade do autor.

Em outras palavras, significa dizer que, no romance da atualidade, as histórias contadas (ou a narração dos fatos) são representações de um mundo individualizado e particularizado. Já não se tem a presença do herói tal e qual era concebido na epopéia, pois as personagens representam aspectos comuns da vida, sejam familiares ou sociais, conforme defende Georg Lukács (3) em *A teoria do romance* (1962).

Comparando-se ao conto, o romance apresenta um corte mais amplo, posto que não se atém a um acontecimento único. Nesse gênero, há um paralelo de várias ações. Ainda que se tenha a presença de um único tema, há diversos conflitos que giram em torno dele. Na verdade, o romance nada mais é, segundo Bourneuf e Ouellet (4) (1976), do que uma grande teia em que personagens e situações se cruzam de forma mais densa e complexa, de modo a formar um todo.

É sob essa ótica que se analisará, a partir de agora, a obra *Dez regressos* (SANTOS, 2003).

Nuno Costa Santos escolheu como pano de fundo as mazelas sofridas pelo ser humano no dia-a-dia. As personagens do livro têm problemas (ou conflitos) diferentes, mas todas procuram, muitas vezes em desespero, o amor e a felicidade. A temática da busca (ou regresso) por momentos afortunados, em que a existência não era um fardo e um eterno arrastar de correntes, pauta cada uma das ações dos tipos apresentados no romance, questão a qual também aludiram Henry James (5) (1995) e Todorov (6) (1970). Desiludidos, eles estão sempre a ir ao encontro de alguém muito especial, como se essa perseguição implacável fosse a redenção final.

Dividido em dez capítulos, o romance tem quatro grandes núcleos, assim constituídos: o núcleo inicial é formado pelo primeiro capítulo (cujo narrador e protagonista é o menino que sente medo do mar), pelo quarto (no qual o narrador e protagonista é o surfista), pelo oitavo (em que a narradora e protagonista é a mãe do menino medroso), e pelo décimo, tendo-se como narrador e protagonista o pai do menino.

O segundo núcleo é formado pelo segundo e sétimo capítulos, em que os narradores e protagonistas são o cego do metro e a mulher do metro que é ajudada pelo cego, respectivamente. Como elementos constitutivos do terceiro núcleo, tem-se a presença do terceiro e nono capítulos, em que a narração é feita (em primeira pessoa) alternadamente por um casal que se une por conveniência; primeiro pelo homem, depois pela mulher. No último núcleo (que é formado pelo quinto e sexto capítulos), também há a presença de outro casal, e também a narração é feita por um deles em cada capítulo, primeiro pelo marido e depois pela esposa.

De agora em diante, como forma de demonstrar o encadeamento dos diversos acontecimentos entre si, necessário se faz reconstituir a história (ou o enredo, conforme Edwin Muir (7), 1975) e ligar os pontos entre os diversos cenários e épocas pelos quais passeiam as personagens de *Dez regressos*. Conforme foi explicitado, no romance de Nuno Costa Santos não há um narrador centralizante. Ao contrário, há uma polifonia de vozes que ecoam no texto e se inter-relacionam. A escolha por um narrador-protagonista para cada capítulo possibilita que cada um, a seu tempo, apresente a sua versão dos fatos. Vamos à história.

Quando ela começa, um menino entrando na adolescência está muito confuso, como acontece a todos nessa fase da vida. Vivendo em uma das ilhas dos Açores, sua rotina é alterada com a chegada de um grupo de surfistas durante umas férias de verão. Filho de pescador, ele tem o trauma de não acompanhar o pai durante o trabalho, devido ao seu imenso medo do mar. Por isso, vê na chegada dos surfistas a possibilidade de vencer a si mesmo. Mesmo com uma enorme timidez, ele se aproxima de um dos rapazes, e pede que ele lhe ensine a surfar. Começa então o seu aprendizado, que além das aulas práticas é feito de muitas conversas à beira-mar. Aos poucos o menino vai se aperfeiçoando nas artes de pegar ondas, até o dia em que consegue, finalmente, descer em uma delas, com toda a aldeia de testemunha. Alçado assim à condição de "herói", o menino sente-se pronto a qualquer desafio, e assim resolve dar outros rumos a sua vida, fugindo à tradição familiar de seguir profissionalmente os passos do pai. Resolve estudar e, tendo aprendido que uma andorinha só não faz verão, alguns anos depois vai à procura do surfista para agradecer a mudança de rumos em sua existência, mesmo sem ter a certeza de chegar ao seu destino.

No quarto capítulo é a vez do surfista discorrer sobre o mesmo acontecimento. Mais velho, destruído pelo consumo de drogas por anos a fio, ele relembra a ilha como se ela tivesse sido uma espécie de paraíso perdido. Abandonado por tudo e todos, compra uma passagem para regressar para o único lugar onde fora feliz. Além de rever a terra, ele tem o desejo de saber o que foi feito do menino que ele julga ter se tornado pescador como o pai. Nesse capítulo, novos dados são lançados ao leitor, que descobre que o pai do menino tem uma amante que mora junto à costa, e que na verdade essa mulher é que é a mãe do jovem, o qual foi arrancado dos braços maternos ainda pequeno. Detentor desse segredo (que ele desvenda nas suas incursões pelo mar) o surfista se torna amigo de Idalina, e passa a frequentar a sua casa.

É essa mesma Idalina quem, no oitavo capítulo, dá a sua versão dos fatos. A amargurada mulher repassa toda a sua mágoa contra o pai do menino, que lhe roubara a juventude para instalá-la numa espécie de cativo litorâneo. Mesmo com o cenário paradisíaco, sua vida pautara-se na eterna espera pelo homem amado e pelo pão (ou peixe) nosso de cada dia. Essa condição de prisioneira ela até seria capaz de suportar, mas houvesse crime mais graves



Melancómico



Os dias não estão para isso



O inferno do condomínio.



Cartaz da peça "O assobio da cobra", de Nuno Costa Santos.

sempre em nome do amor. Além de lhe ter roubado o filho, para criá-lo na cidade, ele fora incapaz de sequer levar-lhe uma fotografia do menino. Como castigo, e também devido ao cansaço de uma vida sem futuro, ela decidira, quando André (o surfista) retornara à ilha, ir morar com ele no Continente. Esperançosa de poder, finalmente, ter uma vida plena mesmo com simplicidade, ela cometera mais um engano ao unir-se ao surfista, pois desconhecia a sua dependência química e a incapacidade dele em levar uma vida normal. Mais uma vez abandonada (contentando-se apenas com visitas esporádicas que um dia cessam de vez), agora num novo cenário de um apartamento decadente e cheirando a doença e morte, ela tem um último vislumbre de poder, finalmente, ter paz. Um belo dia, como nos contos de fada, o pescador bate a sua porta, arrependido de seus pecados e disposto a iniciar uma nova vida com ela. Os momentos, entretanto, são fugazes, pois Idalina percebe que não há volta, que não se pode retornar a pessoas, lugares ou hábitos. A felicidade não é um sentimento perene na vida dessa mulher sofrida, e ela decide apelar para um recurso supremo, o suicídio.

No capítulo final do livro, o pescador apresenta sua visão dos acontecimentos. E não, ele não se coloca como vítima. Em vez disso, o que se vê é o retrato de um homem atormentado pelos erros e mentiras cometidas. A covardia o derrotara, e ele perdera tudo: o filho que partira para um novo tipo de vida, e o grande amor de sua vida, que mudara-se para o Continente para viver com outro homem. A ilha, antes o melhor lugar do mundo, tornara-se um lugar de lembranças macabras. Ela perdera o sentido e ele não suportava a dor de ter de passar por lugares onde julgara ser feliz. Tudo em volta era dor, e registrava a degradação dos tempos e dos sentimentos. A casa onde vivera momentos furtivos, mas extremamente prazerosos com Idalina, deteriora-se pouco a pouco, e agora era habitada esporadicamente por vândalos que só queriam um lugar para cometer seus desatinos.

Não suportando assistir àquele filme de terror, ele decidira abandonar sua esposa oficial e ir atrás de Idalina. O encontro fora muito aquém do esperado, e à chegada já houvera o choque, pois encontrara uma mulher envelhecida cujo sangue há muito fugira da face. A derrota abatera-se sobre ele, e depois de passar um dia e uma noite junto da mulher amada (durante os quais contara a ela o triste destino de André, que regressara à ilha mais uma vez e morrera de overdose), optara também por matar-se.

O segundo grupo de personagens é composto por Augusto, Cristina e Manuel. No segundo capítulo, Augusto é o senhor cego que ganha a vida cantando fados no metro de Lisboa. Sua vida transcorre na normalidade, sem muitos sobressaltos ou emoções, até o dia em que acidentalmente um casal lhe dá um esbarrão e, a partir, daí faz dele seu confidente. Numa estranha terapia, resolvem tentar salvar seu casamento através da música, e por isso convidam Augusto a passar algumas horas do dia em seu apartamento, cantando o *Não venhas tarde*, fado bastante conhecido. O título do fado, na verdade, é uma metáfora da relação de Cristina e Manuel, pois eles sabem que por mais que adiem a separação, aquela relação está fadada ao fim. E ainda que aos primeiros acordes da música tentem namorar como antigamente, o efeito musical não perdurará por muito tempo. Augusto se dá conta disso antes que eles, e por isso vai embora ao cabo de uma semana. Mas porque Cupido é capaz de flechar qualquer pessoa em qualquer época da vida, Augusto não sai ileso dessa situação. Muitos anos depois, ainda perambula pelas estações, na esperança de reencontrar Cristina, cuja voz ele teima em reconhecer na locutora do metrô.

A ausência de Augusto é sentida profundamente por Cristina, que jamais se contentou em perdê-lo. Por isso a escolha de Nuno Costa Santos em fazer dela a narradora do sétimo capítulo, e através de sua perspectiva apresentar ao leitor o outro lado da moeda. Logo após o sumiço de Augusto, Manuel (o marido de Cristina), voltara ao velho comportamento de isolar-se e não dar atenção à mulher. Impotente, só restara a Cristina vê-lo partir sem maiores explicações. O vazio existencial que se apossara dela fora tanto, que ela acabara tornando-se locutora das estações do metrô, na esperança de reencontrar Augusto e, através dele, recuperar o amor do marido. Como isso não acontece, segue vagando atrás do seu ideal, pois só assim consegue agüentar o marasmo dos dias.

Como protagonistas do terceiro leque de personagens temos Nicolau e Carolina. No terceiro capítulo, ele é um estrangeiro que mora em Lisboa, e que para conseguir sua permanência definitiva na cidade decide fazer um casamento de conveniência. O que era para ser apenas uma transação comercial, sem nenhum vínculo afetivo, acaba tomando proporções maiores. O casamento dá errado desde o início, pois ele decide aplicar um golpe na moça no dia da cerimônia, não pagando a quantia acertada, quando se dá conta de que nutre por ela um sentimento mais profundo. Ela não entende tal atitude, não o perdoo e se afasta sem deixar nenhum vestígio. Às vésperas do Natal, data em que os corações estão mais enternecidos, ele resolve telefonar para ela e pedir perdão, mas não atinge seu intento por conta do telefone sempre ocupado.

Do outro lado da linha, e já no nono capítulo, ela tenta fazer o mesmo e disca para a casa de Nicolau, mas não consegue falar com ele, pois os dois estão a ligar ao mesmo tempo. Enquanto espera, elabora o discurso a ser utilizado, e lamenta não lhe poder dizer que embora tenha sentido muita raiva, já o perdoo há muito tempo, pois descobrira que mais importante que o dinheiro, o amor era a aplicação de maior cotação na escala dos valores morais. Na impossibilidade de se falarem, só resta a eles lastimar o precioso tempo que perderam dando valor a coisas materiais.

No último eixo do romance de Nuno Costa Santos há a presença de outro casal, António e Manuela. Casados há alguns anos, a rotina instalara-se nas suas vidas, a ponto de tornarem-se dois solitários a habitar a mesma casa. No quinto capítulo, ele é um funcionário público aborrecido com a lida diária de casar um número sem fim de pessoas. Mais do que isso, seu trabalho chega a irritá-lo, pois não entende como pode o ser humano querer unir-se a outro, somente para depois ignorá-lo. Na volta para casa, ao fim de cada jornada extenuante, ele só tem por companhia um programa de perguntas e respostas na televisão, já que aquelas que gostaria de fazer à esposa são impossíveis, pois Manuela passa as noites trancada no escritório diante do computador. Para por fim a sua angústia, ele recorre ao artil de fazer o mesmo, e acaba por descobrir que ela se diverte nas salas de bate-papo. Depois de muito a rastrear pela internet, e sob um nome falso, acaba iniciando com ela uma insólita relação, onde percebe desconhecer os anseios mais profundos da esposa. A solução encontrada para reacender a velha chama também é inusitada: marcar um encontro às escuras com ele no café próximo a sua casa, revelar a sua verdadeira identidade e então resgatar o amor dos dois.

Na seqüência narrativa, já no sexto capítulo, Manuela dá a sua versão e permite que o leitor saiba que as coisas não são bem assim. Na verdade, António não é tão bonzinho, e muito menos o protótipo do bom marido. Ao contrário, é dado a um estranho fetiche, o de ter casos românticos com as mulheres que casa no cartório onde trabalha. Para se vingar, ela resolve lhe fazer ciúmes, e como meio de vingança passa a corresponder-se amorosamente com um amigo gay pela internet. Logo António estranha o seu comportamento de passar horas encerradas no escritório e cai na cilada, começando a investigar as "andanças" de Manuela.

O comportamento dele, embora corresponda à expectativa da esposa, não deixa de ser ridículo, pois ele desconhece o linguajar das salas de bate-papo, chegando mesmo a usar da cafonice ao identificar-se como mergulhador e querer aprofundar-se nas águas de Manuela. Apesar de achar engraçado, ela reconhece o esforço dele, e concorda com o encontro no café, onde tentarão, ao menos na aparência, selarem os votos de "foram felizes para sempre".

Feita a reconstituição do romance, capítulo por capítulo, algumas questões devem de ser sanadas. Embora divididos em quatro grandes grupos, diversas personagens transitam pelos diferentes cenários e tempos da narrativa. O menino que é filho do pescador e aprende a surfar, por exemplo, no início da trama está no aeroporto, indo ao encontro do surfista. E, mais adiante, também é no aeroporto que o surfista se encontra quando do seu primeiro regresso à ilha. Idalina, a mãe do menino e que acaba se tornando amante de André, o surfista, também pega um avião com destino a Lisboa. E é em Lisboa que se desenrolam (ou se reconstituem) as histórias de Idalina, do pescador e de André. Assim como é em Lisboa que se acompanham as "peripécias" de Augusto, Manuel, Cristina, Nicolau, Carolina, António e Manuela.

Mas, para além do mesmo local, as personagens se cruzam o tempo inteiro no cenário urbano. Já se falou, por exemplo, que Cristina e Augusto caminham lado a lado, todos os dias sem saber, nas estações do metro. E, aparentemente, Manuel, marido de Cristina, sumiu na multidão. Negativo. No quarto capítulo, quando André conta



Dez regressos.



Uma estação do metro de Lisboa. No metro ocorrem cenas importantes de *Dez Regressos*, de Nuno Costa Santos.